



EDITORIAL

Este é o nosso último boletim de 1996.

O ano começa e termina, e nós nem nos damos conta. Os marcos, as passagens, as mudanças são fundamentais pois impõem uma finitude no que achamos poder transformar em infinito: nosso tempo, nossas vidas, nossas ações profissionais, nosso ano.

Em Agosto nossa agenda já está sendo feita para Janeiro. Ainda nem passamos “de corpo e alma” e já estamos no outro ano. Uma parte fica e outra já foi, já está lá na frente: o próximo trabalho, os próximos projetos, futuros desafios. Estamos presentes no futuro e ausentes do presente.

No nosso caso, de educadores, não podemos perder a riqueza do significado das passagens, das mudanças. Possibilitar a parada para a passagem que virá. “Parou para ver, ouvir e dar passagem”... lembra da canção?

Por isto, neste final de ano, queremos que estas palavras, tão comuns, possam simbolizar as passagens de todos e de cada um.

Parabéns por 1996 e feliz 1997!

Nós todos merecemos.

**GTPOS -
Grupo de Trabalho
e Pesquisa
em Orientação
Sexual**

A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais

por Yara Sayão

Sob a coordenação do MEC, em 1995 iniciou-se um processo de elaboração de Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental, em substituição ao currículo mínimo comum atualmente em vigor. A questão curricular é um dos aspectos que, relacionando-se com a política educacional, pode contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país. A elaboração de tais parâmetros tem como eixo estruturante a cidadania, quesito fundamental para a democratização da sociedade brasileira.

A orientação proposta nos Parâmetros baseia-se nos princípios construtivistas e valoriza o desenvolvimento de diferentes capacidades para a utilização crítica e criativa do conhecimento. Quatro princípios norteiam todos os conteúdos propostos: dignidade da pessoa humana, igualdade de direitos, participação e co-responsabilidade pela vida social.

Em 1996 as versões preliminares dos textos foram reformuladas a partir de centenas de pareceres elaborados por especialistas em educação e educadores brasileiros. Em fase de conclusão e aguardando aprovação do Conselho Nacional de Educação, os Parâmetros Curriculares Nacionais serão editados em 1997 e distribuídos às escolas de todo o país. Nesta primeira fase contempla concepção de cada área, justificativa e objetivos gerais para primeira a oitava séries, detalhando os conteúdos de primeira a quarta séries.

E como se dá a inserção de Orientação Sexual nessa proposta? Vejamos: ao se analisar a sociedade contemporânea detectou-se a existência de questões sociais emergentes que não são abarcadas por completo nas disciplinas tradicionais. Surge então a proposta de Temas Transversais às disciplinas, que buscam contemplar questões relativas à Saúde, Meio Ambiente, Ética, Pluralidade Cultural e

Orientação Sexual?

**Cidadania
é o eixo
central
da proposta**

**1º DE
DEZEMBRO**

**DIA
INTERNACIONAL DA
LUTA
CONTRA A
AIDS**

Participe,
converse,
troque idéias,
divulgue.

2 Ou apenas pare pra
pensar no assunto.

Todo dia é dia
de cuidar
da prevenção
da Aids.

C A P A

A Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais

► **continuação da capa**

Todos estes temas se articulam num bloco denominado Convívio Social e Ética, aspecto fundamental do cotidiano escolar. Não se constituem em disciplinas, embora suas proposições fundamentais sejam absorvidas por elas. Por exemplo: a abordagem proposta ao tema “corpo humano” em Orientação Sexual é incorporada pelas disciplinas de Ciências e Educação Física, ou seja, os conteúdos dos temas transversais são assumidos pelas disciplinas tradicionais.

Dessa forma, busca-se trabalhar uma abordagem menos fragmentada do conhecimento nestas áreas, propiciando aos alunos uma maior integração entre os aspectos individuais e sociais contidos no ensinar e aprender.

O texto de Orientação Sexual contido nos Parâmetros oferece também aos profissionais da educação uma visão de como trabalhar com sexualidade na escola,

privilegiando a distinção entre o público e o privado nas questões relativas às manifestações da sexualidade.

Afirma como valores fundamentais a sexualidade ligada ao prazer, à vida e à responsabilidade, incluindo portanto o desenvolvimento das capacidades afetiva, de inter-relação pessoal e de inserção social.

A inclusão de Orientação Sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais representa a garantia de respaldo legal tanto para implantar como para

impulsionar os trabalhos já existentes na área. Representa também um avanço para a questão do ensino no país o fato de se considerar questões significativas da subjetividade como pertinentes ao plano do conhecimento escolar.

Sabemos que ainda há muito por fazer, principalmente no que diz respeito à formação de profissionais em Orientação Sexual. Que tal encararmos, individual e coletivamente, este desafio?

**Os Parâmetros
propõem novos desafios
aos educadores**

E S P A Ç O D O E D

**Todos os
adolescentes
têm direito
à educação
para a
saúde sexual**

Maria Luiza Costa

Nos últimos anos a sociedade brasileira avançou muito no reconhecimento dos direitos humanos e de cidadania de crianças e adolescentes. O Estatuto da Criança e do Adolescente é a parte mais visível desse avanço. Entretanto, quando se trata do direito à educação para a saúde sexual não se pode dizer o mesmo.

O conceito de saúde, nas três últimas décadas, vem sofrendo expansões gradativas, ao ponto de

saúde ser hoje a condição de pleno desenvolvimento individual e coletivo de potencialidades humanas, nos planos físico-biológico, psicológico, ambiental, emocional, cultural, etc.

Assim considerada, a saúde cria um território em comum cada vez maior com a educação, que por sua vez passa a ser o instrumento indispensável para tornar possível essa condição necessária de saúde.

A educação para a saúde sexual, vista em

sua função mais ampla, não é apenas a transmissão de um conjunto de informações indispensáveis para compreender o corpo e seu funcionamento em relação à sexualidade e suas derivações. É sobretudo uma questão de cidadania, porque deve tornar acessíveis os direitos civis, sociais, políticos e humanos das crianças e adolescentes relacionados diretamente à sexualidade.

Estes conceitos são a base de um projeto de

Centro de Documentação e Informação – Como viabilizar as consultas?

Antonio Carlos Egypto

Em nosso último **Boletim**, divulgamos o início do funcionamento do **CDI**. Neste pequeno período de operação, identificamos algumas questões que podem auxiliar os usuários em suas consultas. Aí vão algumas dicas:

Para que possamos atender os pedidos é necessário que o solicitante indique o tema de seu interesse (dentro da questão da Sexualidade Humana) com o maior detalhamento possível. Exemplo: Se o interesse for por **Orientação Sexual**, trata-se de trabalho na escola? Dirigido a alunos, de que faixa de idade? O que se busca é material para o estudo e subsídio do professor? Ou é para trabalhar com os pais? Visa pensar o projeto como um todo, planejar aulas, preparar encontros ou palestras? Ou quem sabe escrever um artigo ou tese sobre o assunto?

Seja claro, pois dependendo do objetivo os materiais indicados serão completamente diferentes.

► O **GTPOS** agradece a **Maria Helena Matarazzo** e **Maria Etelvina Toledo Barros** as doações de material que fizeram ao nosso **Centro de Documentação e Informação**.

formação de educadores realizado este ano, pelo Centro de Formação e Apoio aos Educadores, do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua, em parceria com o **GTPOS**. Dele participam educadores de programas não governamentais que trabalham na educação de crianças e adolescentes em situação de exclusão social em cidades paulistas (São Paulo, Indaiatuba, Barretos, Campinas), educadores da **FEBEM-SP** e de programas imple-

mentados pelas prefeituras de São Paulo e Jundiá.

Financiado pelo Ministério da Saúde, este projeto é importante para a criação de uma metodologia de formação para o trabalho com adolescentes até agora excluídos de seus direitos à educação para a saúde sexual.

► **Maria Luiza Costa** do Centro de Formação e Apoio a Educadores, do **MNMMR**



FALA DO ADOLESCENTE MULTIPLICADOR

“Nós somos multiplicadores no Projeto “Adolescentes no Combate às DST/AIDS”*

Eu, **Ligia**, confesso que fiquei tensa quando começamos com nosso trabalho de multiplicadores no 2º semestre. Achei que não tinha competência ou “moral” para passar para os outros as informações que recebi.

Eu, **Fernanda**, no começo do ano, não gostava muito da coisa, achava cansativo. Começamos apenas com projetos, que eu “não botava muita fé”, e me desanimei. Quando fui pela primeira vez em Heliópolis, me interessei e vi que era capaz de ensinar e conversar sobre esse assunto com as pessoas. Gostei mesmo. Foi difícil lidar com valores diferentes e com idades muito diferentes. A desorganização dos grupos e a falta de respeito para com os outros me incomodam (agora entendo os professores).

Eu, **Ana**, achei que conhecer a realidade da favela foi muito bom, para perceber que mesmo pessoas vivendo num ambiente totalmente diferente, tem dúvidas e angústias muito parecidas com as nossas.

Eu, **Paula**, achei que o primeiro encontro com o grupo é muito difícil, porque o “gelo” não está quebrado. Na verdade o começo da conversa tem um clima complicado e difícil de ser transposto. Outro problema nas oficinas são as conversas paralelas, que acabam me irritando porque parece que falo com as paredes.


Eu, **Mariana**, percebi que falar de sexo, da AIDS e de outros temas não é algo tão difícil e complicado, quando as pessoas com quem você discute são da sua faixa etária e tem as mesmas dúvidas.


Eu, **Anaiá**, descobri que a forma de aprender não precisa ser necessariamente chata; esse jeito de aprender e ensinar ajuda a poder argumentar opiniões.

Eu, **Júlia**, me sinto orgulhosa de saber que sou uma multiplicadora de informações e que ainda dá pra fazer alguma coisa pelo Brasil.

*financiado pelo **PN-DST/AIDS** do Ministério da Saúde


**CURSOS
1997**


**Capacitação Inicial
para o Trabalho de
Orientação Sexual
com Adolescentes**
4, 5 e 6 de abril


**Capacitação Inicial
para o Trabalho de
Orientação Sexual com
Crianças**
16 e 17 de maio

Informações e inscrições pelos telefones:
011- 822.8249 e
011- 822.2174

BOLETIM GTPOS

é uma publicação trimestral do
**GTPOS - Grupo de Trabalho e
Pesquisa em Orientação Sexual**

Rua Monte Aprazível, 143
Vila Nova Conceição
04513-030 São Paulo/SP - Brasil
Fone (011) 822.8249
Fax (011) 822.2174

EQUIPE DO GTPOS:

Presidente de Honra:

Marta Suplicy

Presidente:

José Luiz Brant de Carvalho

Vice-Presidente:

Ivone do Canto Almeida

Antonio Carlos Egypto, Cordélia de Souza
Castelo Branco, Dalva Taveira Menocci,
Elisabeth Bahia Figueiredo, Elisabeth Maria
Vieira Gonçalves, Francisca Vieitas
Vergueiro Vonk, Maria Aparecida Barbirato,
Maria Cecília Pereira da Silva,
Maria Cristina Machado da Costa, Maria
Cristina Domingues Pinto, Maria da Glória
Camargo Macruz, Maria Rosa da Silva,
Ricardo de Castro e Silva, Rosângela Maria
Rigo, Sílvio Duarte Bock e Yara Sayão.

Secretaria: Lane Ferreira Magalhães, Maria
de Fátima Bezerra Costa Porto

Coordenação Editorial:

Francisca Vieitas Vergueiro Vonk

Colaboraram nesta edição: Antonio Carlos
Egypto, Elisabeth Maria Vieira Gonçalves,
Francisca Vieitas Vergueiro Vonk, Ricardo de

Castro e Silva e Yara Sayão

Bibliotecária responsável: Clara A. M.

Ruggiero (CRB - 8 n. 5571)

Apoio: Fundação MacArthur

Jornalista responsável: Nelma de Fátima

Firmiano (MTB 13582)

Direção de Arte: Moema Kuyumjian

Tiragem: 7.000 exemplares

Desconforto e descobertas

por Elisabeth Maria Vieira Gonçalves

Interessados nas discussões de sexualidade e preocupados com a epidemia da Aids, jovens entre 14 e 21 anos aceitaram a proposta do GTPOS de participar do **Projeto Adolescentes no Combate às DST/AIDS**.*

A primeira fase consistiu da realização de 20 oficinas de sexo protegido junto a 300 alunos da rede de ensino pública e particular da cidade de São Paulo, e da elaboração de uma pesquisa**.

Um dos aspectos mais significativos dos grupos foram as discussões sobre as relações de gênero. Elas possibilitaram aos jovens conversar, trocar opiniões, rever valores, perguntar e ser perguntado, se conhecer melhor e se aproximar. Reconhecer a importância da cultura, dos valores sociais e da história de cada um no processo de construção da identidade sexual.

Aquilo que é "próprio" do homem e da mulher pode ser falado, questionado e transformado!

Entre brincadeiras, críticas e muita criatividade os jovens foram desenhando e construindo personagens. Preenchendo o interior do contorno do corpo masculino e feminino com sentimentos, idéias, pensamentos, sonhos, desejos, medos e preocupações.

Aparecem homens que sonham com namoradas, com mulheres "gostasas", preocupados com seu corpo e em aprimorar seu desempenho sexual. Muitos são "geração saúde". Mostram suas fragilidades, expressam seus medos e preocupações como: brochar, levar um fora, não ser admirado pela garota que o atrai... Mulheres querem namorar, transar... Sonham com o amor correspondido. Exigentes, preocupam-se com seu corpo, tem "papo cabeça" e querem se dar bem profissionalmente. Apresentam-se de forma bastante sensual. Expõem seu medo de engravidar, de serem chamadas de galinha, de ficar só...

O que trazem em suas mochilas? Meninas: batom, objetos de adorno e cuidados pessoais, fotos, bilhetes e cartinhas, canetas, agendas. Algumas, documentos e livros. Os meninos: chave de casa/carro, agenda, carteira, óculos, cigarro, documentos, relógio, revistas masculinas, gibis.

E, como é "politicamente correto", a camisinha na mochila dos meninos e também na bolsa das meninas.

Até então o clima é descontraído e gostoso. Quando propomos que objetos podem ser acrescentados ou trocados de uma mochila para a outra, a surpresa!

As chaves de casa/carro, o cigarro, são facilmente incorporados na bolsa das meninas. "Maior liberdade, independência"

...Entretanto os objetos de cuidados pessoais, adornos, quando colocados na mochila dos meninos, geram estranheza, risos e desconforto. Surgem

preconceitos, estereótipos. Fala-se da homossexualidade, da virgindade, da feminilidade do homem, do

lugar que "se destina" a homens e mulheres no espaço público e privado. Os personagens vão se transformando.

Aparece o silêncio no grupo e com ele novas descobertas: "Não somos tão modernos assim!". Ficam surpresos: "eu não sabia que tinha estes preconceitos dentro de mim. Foi tão legal e ao mesmo tempo tão difícil! Como enfrentá-los?"

Há muito que caminhar na conquista da igualdade de direitos, da liberdade e do respeito à singularidade.

A rede de prevenção passa certamente por espaços que privilegiem o diálogo franco e aberto, onde seja possível, desvendar e superar preconceitos.

(*) **financiado pelo PN DST/AIDS do Ministério da Saúde.**

(**) **Pesquisa: Adolescentes - Sexualidade e Prevenção - Instituto Opinião/ Revista Cláudia / GTPOS.**

**Preconceitos,
eu?
Quem diria!!!**